

## REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA REVISTA VEJA (1972-1982)

YASMIN PEREIRA ROSA<sup>1</sup>; JUAREZ JOSÉ RODRIGUES FUÃO.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas- UFPEL – yasminprosa@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas- UFPEL – jfuao@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa aqui apresentado, que desenvolvo no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, procura historicizar as formas de representar em suas páginas as mulheres de um modo geral e, mais especificamente, as mulheres negras que se utilizou a Revista Veja entre os anos de 1972 a 1982, no que tange as suas formas textuais e imagéticas.

Este recorte temporal deve-se ao fato de que esta pesquisa é continuação do Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em História pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG, no ano de 2015, intitulado “A representação da mulher na Revista Veja (1968- 1972)”. O trabalho teve como objetivo verificar as formas de representação da figura da mulher, tanto na forma textual como imagética, que se utilizou o semanário desde a sua primeira publicação em meados de 1968 até sua edição de Nº 200, em 1972.

Dentro da perspectiva historiográfica inaugurada no século XX com os *Annales* e a Nova História Cultural, os estudos de gênero têm obtido grande relevância histórica e espaço. Nesse viés, um novo olhar é dado ao passado, onde são inseridas nos estudos perspectivas que antes eram deixadas de lado. Como corrobora PERROT (2005, p. 16): “[...] a explosão da História– chegou a se falar em ‘história em migalhas’ – favorecia o surgimento de novos objetos: a criança, a loucura, a sexualidade, a vida privada... Por que não as mulheres?”. Abre-se o leque de materiais e temas possíveis de análise, distanciando-se da visão positivista sobre o que é ou não fonte histórica (PEDRO, 2005).

A história convencional, positivista e historicista, que visava contar grandes feitos realizados por grandes homens, as suas vitórias e conquistas, relegou as mulheres o papel de meras coadjuvantes dentro dos escritos do passado. É emblemática a frase com que Michelle Perrot inicia o primeiro capítulo de seu livro “As mulheres ou os silêncios da história”: “No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra.” (PERROT, 2005, p. 33). É substancial o baixo número de pesquisas que tragam as mulheres como seres históricos ou temas centrais, em comparação com outras pesquisas, antes da geração dos *Annales* e seus posteriores. Quando se faziam presentes, estavam quase sempre ao lado de figuras masculinas marcantes, tal qual como um adereço ou complemento a cena. Ou então tinha suas imagens representadas de formas distorcidas, analisadas por quem as via como “o segundo sexo”, um ser inferior, com suas funções sociais biologicamente predeterminadas, como descreve detalhadamente BEAUVOIR (1970).

Levando em consideração a conjuntura social e política ainda desfavorável ao gênero feminino (SCOTT, 1995), torna-se relevante compreender quais formas e mecanismos pôde utilizar-se o patriarcado para perpetuar este cenário: uma sociedade muito desigual nas relações de gênero, em que é ainda difícil romper com as barreiras impostas por esta desigualdade. Nesse sentido, entende-se a imprensa

como um setor que cumpre um papel crucial na formação, criação e divulgação de valores para uma sociedade cada vez mais de massas.

Faz-se ainda necessária a observação da forma que a revista trata as mulheres negras, visto que as análises feitas nas edições entre 1968 e 1972 demonstram uma diferenciação no tratamento dado a figuras femininas negras e brancas, estando de acordo com a forma costumeiramente racista que a mídia convencional aborda mulheres negras: ou estão representadas como a figura sexualmente atrativa, ou como a figura do trabalho inferior (BORGES, 2012).

Antes de compreender o contexto histórico e político da criação da Revista Veja em 1968, é preciso compreender o momento de criação da sua editora. A Editora Abril foi criada em 1950, já em uma nova fase da mídia brasileira: se antes ela era ligada a interesses e opiniões políticas, agora se torna vinculada a questões econômicas, através do financiamento de capital principalmente externo. Isso traz uma nova perspectiva editorial para a imprensa que, não estando correlacionada a um grupo ou partido político, pode se manifestar como independente (SILVA, 2005).

Pensada e desenvolvida aos moldes da revista estadunidense *Time*, o periódico trouxe prejuízos econômicos à Abril em seus primeiros dois anos de circulação, passando a trazer lucros apenas em 1974 quando se iniciaram as vendas de assinaturas (SILVA, 2005). Apesar disso, sua circulação foi mantida pela empresa ininterruptamente, visto que seu projeto de criação e objetivos em longo prazo superava a falta de rendimento inicial.

Durante a Ditadura Civil-Militar, período no qual está inserida a pesquisa, a Veja posicionou-se ao lado do regime, apresentando fortes traços anticomunistas e simpatia ao liberalismo. Ela tem um papel fundamental dentro do regime ao usar-se como espaço de propaganda dos feitos da Ditadura. É fato que nenhuma publicação jornalística poderia circular livre e legalmente naquele momento com críticas ao governo ditatorial em suas páginas, mas a Veja utiliza-se inclusive de mentiras e falácias acerca da conduta dos ditadores e trazendo entrevistas exclusivas com os generais atuantes junto ao governo.

A razão para este apoio a uma ditadura, que lhe aplicava censura prévia em cada edição é que, independentemente das questões políticas e sociais que envolveram a ditadura brasileira, o modelo econômico não sofreu alterações suficientemente grandes para ir de encontro aos interesses e grupos defendidos pela Veja: “[...] O neoliberalismo convive com a ditadura, não está se colocando contra ela. Os parâmetros principais são o lucro e o crescimento do indivíduo, que na forma colocada, não necessitam da democracia para se realizarem, e sim da “livre iniciativa”, ou seja, do mercado.” (SILVA, 2005, p.66).

Ao utilizar a imprensa como fonte para a pesquisa histórica é necessário atentar para o fato de que diante do pesquisador não está apenas um relato ou recorte do passado, mas sim uma representação deste passado (MORAES; RAMONET; SERRANO, 2013). Assim, a análise deverá ser baseada não apenas no fato ali narrado, mas na própria forma de narração, a escolha do que é ou não publicado e de quem tem voz ou é silenciado, qual era o público-alvo (MENEZES, 2014).

Levando estes pontos em consideração, faz-se necessária a investigação do discurso e das formas de representação textual e imagética, tendo em vista as diferentes formas de leitura do mundo (CHARTIER, 1991). A realidade é apresentada ao leitor ou expectador de acordo com os interesses e conveniência de quem e para quem escreve: (ABRAMO, 2013). Esta perspectiva de análise será a base para o estudo das fontes, que consistirão de 541 edições publicadas do

semanário Veja (edição Nº 201 até Nº 747). Os arquivos encontram-se disponíveis na íntegra no site da revista.

A problemática da pesquisa, levando em consideração a influência que a Revista Veja possui no cenário midiático do Brasil, sendo de grande relevância para a formação e perpetuação de opiniões acerca de diversos assuntos para grande parte da população, busca compreender de que forma o semanário representa textual e imagetivamente as figuras femininas em suas páginas, nas edições entre 1972 e 1982, e se poderia, desta forma, ter contribuído para a perpetuação de um cenário machista, misógino e racista na sociedade brasileira.

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender de que forma a Revista Veja representa as figuras femininas nas suas publicações entre 1972 e 1982. Seus objetivos específicos são: analisar que tipo de imagens são utilizadas para referenciar as mulheres abordadas nos artigos, reportagens e notas; analisar quais características das mulheres abordadas são ressaltados ou menosprezados nos textos encontrados; observar de que forma são abordadas e representadas as mulheres negras textual e imagetivamente.

## 2. METODOLOGIA

O processo metodológico utilizado na pesquisa consiste em uma organização específica dos dados. A revista será verificada desde a sua primeira a última página de cada edição, e serão separados todos os materiais encontrados que falem, referenciem ou mostrem mulheres de alguma forma (fotografias, matérias, entrevistas, reportagens, artigos, notas impressas). Os dados encontrados serão agrupados em conjunto dentro de categorias, de acordo com o tema ou abordagem em comum que possuírem, como por exemplo: “mulheres negras”, “sexualização da mulher”, “violência contra a mulher”, “mulheres e a moda”, “mulheres, lar e família”. Após esta organização sistemática, os dados obtidos serão analisados de forma a responder os questionamentos inicialmente levantados.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa ainda está em fase de coleta de dados e levantamento bibliográfico, mas ao analisar as publicações de 1972 até o ano de 1982, juntamente com os dados já obtidos na pesquisa em 2015, teremos a conjuntura de representação feminina nos primeiros 15 anos do semanário, que permitirá uma análise profunda da sua postura quanto às mulheres no período da Ditadura Civil-Militar brasileira. Isto permitiria, ainda, traçar linhas e comparar a postura da revista atualmente, verificando rupturas e permanências na sua postura.

## 4. CONCLUSÕES

A partir dos dados obtidos durante o trabalho desenvolvido em 2015, foi possível perceber certos padrões de representação das figuras femininas nas páginas da Revista Veja: a figura sexualmente atrativa, disponível ao bel prazer e entretenimento masculino, esta sendo, ainda, a única posição para as mulheres negras. Além disso, a nudez nas fotografias era usada livremente para representar mulheres, mesmo quando a foto em nada teria relação com a informação ali transmitida. Ou então a mulher era representada como “a senhora do lar”, que deve cuidar da família e casa, mantendo seu papel dentro de uma sociedade

conservadora. As mulheres que rompiam com esta lógica, se envolvendo com a política, ou mesmo líderes do movimento feminista organizado a partir dos anos 1960, eram sempre menosprezadas, ao mesmo tempo em que se buscava apresentar-lhes como “prosaicas donas de casa” querendo inverter os papéis, ou figuras desprezíveis enquanto o que se esperava de uma “mulher ideal”.

Por fim, ao tratar dos modos de expor as mulheres que foram utilizados pela Revista Veja (que é ainda hoje a de maior circulação no Brasil) entre os anos de 1972 e 1982, juntamente com os dados anteriormente obtidos, busca-se compreender um dos possíveis elementos pelo qual a estrutura patriarcal, machista e misógina da sociedade brasileira segue se perpetuando, mantendo um muro que separa e determina as pessoas pelo gênero, com elevados números de feminicídio e sendo ainda, de forma velada, demasiadamente racista.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livro

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo** - Fatos e mitos. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

HOBBSBAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991**. São Paulo Companhia das Letras, 1995.

MORAES, D; RAMONET, I; SERRANO, P. **Mídia, poder e contrapoder: da concepção monolítica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo, 2013.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

PRIORE, M (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Porto Alegre: Educação e Realidade, Vol. 20, Nº 2, 1995.

### Capítulo de livro

BORGES, R. Mídia, racismos e representações do outro: Ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negra. In: BORGES, R. C. S; BORGES, R. (orgs.). **Mídia e racismo-** Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates. Rio de Janeiro: De Petrus et Alii Editora Ltda, 2012. Cap. 8, p. 180-203.

### Artigo

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, p.173-191, 1991.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n.1, p. 77-98, 2005.

### Tese/Dissertação/Monografia

MENEZES, B. S. **Imprensa e gênero: a condição feminina e as representações da mulher amazonense na imprensa provincial (1850-1889)**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Amazonas.

SILVA, C. L. S. **Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)**. 2005. Tese (Doutorado em História) - Programa Interinstitucional de Pós Graduação em História, Universidade Federal Fluminense/ Unioeste.